

**IMPLICAÇÕES ESTILÍSTICAS
DA INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO
E/OU DO AGENTE EM PORTUGUÊS**

Antonio José dos Santos Junior (UERJ)
antoniuserjose@yahoo.com.br

1. Introdução

Inicialmente, vemo-nos forçados a esclarecer os conceitos de ‘sujeito indeterminado’ e de ‘agente indeterminado’. Após a analisarmos diferentes perspectivas sobre o sujeito indeterminado e conceitos correlatos (indeterminação, impessoalidade e voz passiva sintética, dentre outros), concluímos que a noção de sujeito indeterminado é *fundamentalmente sintática* (cf. SANTOS JUNIOR, 2010)

O conceito de indeterminação pode ser abordado sintática ou semanticamente. Sob o prisma semântico, leva-se em consideração apenas o ‘significado’ de ‘referência genérica’. Sob o prisma sintático, trata-se de ser possível identificar um item lexical presente na oração, que exerça a função de sujeito. Por conseguinte, quando há um sujeito na oração, cujo sentido seja, por exemplo, de referência genérica, este não deve ser classificado como indeterminado; indeterminado é, no caso, o papel temático exercido pelo sujeito. Logo, pode-se ter o agente indeterminado (caso mais comum), o paciente indeterminado etc.

Classificamos (*Idem*, p. 44-45) como *sujeito indeterminado*:

- a) o sujeito do infinitivo impessoal, desde que não cancelado (‘É fácil viver em um país organizado’);
- b) o sujeito de verbo na terceira pessoa do plural, em referência genérica, sem sujeito expresso ou retomável (‘chamaram o aluno na secretaria’);
- c) o sujeito de verbo na terceira do singular junto ao pronome “se”, seja o verbo transitivo (direto ou indireto) ou intransitivo (‘vendem-se ovos aqui’; ‘precisa-se de motoristas’; vive-se bem aqui’);
- d) o sujeito de verbo na terceira do singular sem o pronome “se” (‘aqui conserta máquinas de lavar’);
- e) o sujeito de verbo na primeira do plural em referência genérica, sem ser possível retomá-lo (‘vivemos em mundo muito dinâmico’);
- f) o sujeito de verbo no gerúndio, desde que não cancelado (‘estudando, tudo se consegue’);

- g) classificamos (*idem*) como *agente* (ou outro papel temático exercido pelo sujeito) *indeterminado*:
- h) aquele em que o sujeito esteja empregado em referência genérica, expresso formalmente, através de um substantivo, como, por exemplo, o pessoal, o cara, a pessoa, etc. ('se a pessoa não exige seus direitos, pode ser lesada');
- i) aquele em que o sujeito seja um pronome pessoal do caso reto em referência genérica, de ordinário, 'nós', 'eles' ou 'eu' ('nós precisamos participar mais da vida política de nosso país'; 'aqui é muito perigoso: eles estão roubando carros'; 'se eu não puder andar tranquilamente pelas ruas, não posso me sentir um verdadeiro cidadão');
- j) aquele em que se o pronome 'você' esteja em referência genérica ('se você compra um serviço, você tem direito a garantias');
- k) aquele em que a expressão 'a gente' esteja em referência genérica ('se a gente se organiza, a gente alcança nossas metas');
- l) aquele cujo núcleo seja um pronome indefinido ('ninguém vive aqui');
- m) aquele cujo núcleo seja um pronome demonstrativo ('o Estado deve amparar aqueles que não podem trabalhar');
- n) aquele em que o sujeito seja um substantivo abstrato, derivado de um verbo, podendo-se atribuir um agente à ação verbal nominalizada ('a construção das passarelas começará amanhã').

É de notar o item (c), no qual equiparamos as estruturas tradicionalmente classificadas como voz passiva sintética (VPS) com as classificadas tradicionalmente como 'sujeito indeterminado'. Essas estruturas se distinguem, basicamente, pela transitividade do verbo: se verbo transitivo direto, há VPS, se verbo transitivo indireto ou intransitivo, sujeito indeterminado. (Cf. SANTOS JUNIOR, 2010, p. 53-54)

2. A estilística e a indeterminação do sujeito

2.1. Introdução

Neste item, analisaremos a relação entre a estilística e a indeterminação do sujeito e a do agente em língua portuguesa. Para tanto, basear-nos-emos nos critérios seguros descritos acima, para a classificação do sujeito. Outrossim, teceremos brevíssimas reflexões sobre o conceito de estilo, as principais correntes da estilística, os diferentes estudos estilísticos, bem como sua relação com a indeterminação do sujeito e do agente¹.

¹ Para maior aprofundamento, ver Santos Junior (2010), em especial das páginas 79 a 87.

2.2. O conceito de estilo

Câmara Jr (1986, p. 179) define estilo como transgressão à norma padrão que tem o intuito de causar um efeito “estético”; portanto, estilo é desvio. Outra observação que ele faz é que o estilo não é algo totalmente individual, pois se o fosse, seria ininteligível para os demais.

Câmara Jr. (1986, p. 181) arrola as divisões da estilística em: estilística fônica, estilística sintática, estilística léxica (estilística semântica). Outrossim, adota as funções primordiais da linguagem estabelecidas por Karl Bühler, na *Sprachtheorie (Teoria Linguística)*. Segundo Bühler, a linguagem teria três funções: representação (*Darstellung*), expressão (*Kundgabe*) e apelo ou representação social (*Appell* ou *Auslösung*).

A estilística fônica, tratando de utilização do material sonora da língua com um fim estético, aparentemente pouco importaria ao nosso trabalho; nada obstante, em outro trabalho de Câmara Jr. (1978, p. 68,69) pudemos encontrar uma análise do autor sobre a questão estilística da colocação pronominal proclítica (típica do português, no Brasil) como um fenômeno de estilística fônica. A próclise do pronome oblíquo “átono” (subtônico) realça a própria pessoa, ao passo que a ênclise realça o processo verbal em si.

Câmara Jr. relaciona nesse estudo o uso espontâneo da ênclise “com o pronome da terceira pessoa (mormente quando se trata de se como índice de sujeito indeterminado), o qual é em regra um objeto de pouco interesse para nele se concentrar” nossa atenção. A próclise oferece maiores recursos à *Kundgabe* (impressão) e à *Appell* (apelo), centrando-se no agente do processo, ao passo que a ênclise volta-se para o processo, desfocando o agente (ideal para os casos de sujeito indeterminado) (cf. CÂMARA JR, 1978, p. 69).

Podemos desdobrar as observações de Câmara Jr para os casos de “voz passiva pronominal” (ou “sintética”). Frases como “aceita-se encomenda”, “vende-se pipa” etc., são, de veras, tão comuns quanto “precisa-se de empregados”, de sujeito indeterminado (obviamente, referimo-nos à linguagem escrita), onde há ênclise do pronome se. Estilisticamente, temos mais uma semelhança entre essas duas construções, que a gramática normativa insiste em diferenciar, semelhança que reside no desfocamento do agente [+DA].

Quanto à estilística sintática, é trazida por Câmara Jr, como a que mais recursos oferece, no português (1978, p. 182), os quais residem na

grande possibilidade de colocações. O recurso sintático-estilístico mais usado é o de usar uma colocação oposta à que seria de esperar (isto é, a colocação automatizada, comum).

Já a estilística léxica, para Câmara Jr, se subdivide em estilística de composição e derivação de palavras e na estilística semântica; aquela, se volta para usos expressivos ou afetivos do diminutivo ou do aumentativo (o que já se liga ao aspecto semântico); esta se refere principalmente à significação externa das palavras, a saber, a conotação. Câmara Jr. defende ainda a visão de que “em princípio, não há sinônimos perfeitos (a mesma denotação não importa a mesma conotação). Tal é a divisão da estilística que mais de perto nos há de interessar neste trabalho (naturalmente, relacionando-se às outras divisões, a fônica e a sintática). Podemos, a esse respeito, levantar algumas questões.

Considerando-se a classificação do sujeito como “indeterminado”, sob um prisma semântico, poder-se-ia perguntar que diferenças semântico-estilísticas residem na variação de uma mesma mensagem intelectualiva (*Darstellung*) como nas seguintes sentenças (consideradas em referência genérica): falaram de você, eles falaram de você, alguém falou de você. Eles e alguém, em referência genérica remeteriam a todas as pessoas do discurso (máxima indeterminação). Porém, a diferença em usar uma preferentemente a outra e os diferentes efeitos que causam, são questões que necessitam do apoio da estilística para uma melhor reflexão. No nosso questionamento acima, segundo a visão de Câmara Jr., não seriam idênticas, produziriam efeitos diferentes, ainda que gozem de traços semânticos iguais para a indeterminação semântica do sujeito (cf. HAWAD, 2002). Nada obstante, “eles” dá a ideia de plural para um ato cometido, talvez, por apenas uma pessoa; o agente, além de omitido, é imerso na multidão da grande massa: o pronome eles indica que o agente pode ser qualquer um no meio de muitos, focaliza-se a multidão e apaga-se o indivíduo, “desanimando” o interlocutor de querer saber quem foi que fez. Já o uso de “alguém” dá ideia numérica menos imprecisa; é indeterminado, pois não se diz nada a respeito de quem agiu, mas se não se focaliza o agente na multidão. O “desânimo” do interlocutor é menor, pois se não evoca toda a humanidade.

Outra questão: a indeterminação do sujeito pelo infinitivo impessoal e pelo gerúndio. Por exemplo: “para vencer é preciso lutar”. Sintática e ‘semanticamente’, o sujeito é indeterminado (cf. RIBEIRO, 2006), “Lutando é que se vence”. Mais uma vez os sujeitos são indeterminados (tanto o do gerúndio, como o do verbo vencer). Podemos notar que am-

bos têm os traços semânticos [+animado], [+grupo], [+humano], [+DA], o que indica tratar-se de sujeito indeterminado. Ora, o gerúndio traz consigo efeito de ação continuada; o infinitivo não, trazendo consigo a noção de “retrato” do que deve ser feito.

Só por essas duas breves colocações já podemos sentir a grande importância da estilística para a própria conceituação de sujeito semanticamente indeterminado.

Em todos os exemplos, considerados individualmente, temos, no dizer de Karl Bühler (cf. MELO, 1976), a mesma *Darstellung* (representação). Mas diferentes *Kundgabe* (impressão) e *Appell* (apelo).

Retomemos a questão de o sujeito indeterminado referir-se normalmente a um agente humano. Como dito, não é comum encontrar um sujeito indeterminado referindo-se a animais. Na ocasião nem citamos os fenômenos da natureza, os quais, em todas nossas referências foram tratados como de sujeito inexistente.

Poder-se-iam colocar as seguintes questões. Pode-se estilisticamente indeterminar sujeitos animais? Ou seria um recurso ininteligível? A construção pode parecer estranha, incomum; razão demais para recorrermos à estilística. A pergunta nos faz pensar em uma prosopopeia do sujeito indeterminado. Apesar de levantada por Naro, não houve menção a pesquisas do assunto.

De acordo com os próprios dados levantados na nossa pesquisa, podemos ratificar a ideia de que a indeterminação do sujeito (ou dos papéis temáticos exercidos pelos sujeitos) não pode prescindir do traço [+HUMANO]. Sem dúvida, podemos fazer referências indiscriminadas a animais, ou a plantas. Por exemplo, no adágio ‘o cão é o melhor amigo do homem’, podemos pensar que não se fala de um cão, mas da espécie em si. Todavia, não há indeterminações do sujeito com animais, no máximo de papéis temáticos por ele exercido. Seria, no mínimo, inusitada a construção “latem alto todos os dias” (sem qualquer possibilidade de se retomar um sujeito anteriormente Expresso). Se ouvíssemos essa construção, tenderíamos a interpretá-la como uma possível ironia a alguém, um comentário depreciativo.

Por conseguinte, não há como incluir nos casos de ‘indeterminação’ ora analisados, seres com o traço [- HUMANO].

3. O sujeito indeterminado em memórias póstumas

O romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, um dos mais conhecidos de Machado de Assis, é narrado por um defunto-autor, que faz sua “autobiografia”, com muita ironia e sordidez.

Analisando os doze primeiros capítulos da obra, encontramos cinquenta e cinco ocorrências de sujeito indeterminado, de acordo com os critérios já estabelecidos. Entretanto, especificaremos entre parênteses as siglas para as estruturas compõem os sujeitos indeterminados. Sujeitos indeterminados pela terceira pessoa do plural (SIp6), indeterminado pelo infinitivo impessoal (SIimp), sujeito indeterminado pela “voz passiva sintética” (VPS), sujeito indeterminado por verbo intransitivo ou transitivo indireto junto ao pronome “se” (SIvi), agente indeterminado por pronome indefinido (Alpi), agente indeterminado por pronomes pessoais ou nomes em referência genérica (Alrg) e sujeito indeterminado por gerúndio (Siger).

Ocorrências (total)	Sip6	SIimp	VPS	SIvi	Alpi	Siger	Alrg
55 (100%)	8 (15%)	14 (26%)	5 (9%)	4 (7,3%)	16 (30%)	0	7 (12,7%)

Como podemos verificar, a maior incidência dos casos de indeterminação ocorre com pronomes indefinidos, seguido pelos infinitivos impessoais; sujeitos indeterminados por verbos na terceira do plural, perfazem oito ocorrências, a voz passiva sintética ocorre cinco vezes, verbos intransitivos ou transitivos indiretos indeterminando o sujeito ocorrem 4 vezes, e indeterminações por palavras ou pronomes em referência genérica ocorrem 7 vezes.

Se adotássemos uma perspectiva estritamente sintática, acabáramos por desprezar, no mínimo, vinte e três ocorrências (dezesseis com pronome indefinido e sete com palavras em referência genérica). No entanto, sob uma perspectiva semântica, podemos levantar todas as ocorrências acima, observando que em todos os casos os traços semânticos da categoria sujeito indeterminado são sempre os mesmos [+HUMANO], [+GRUPO].

Extraímos, a seguir, alguns exemplos da obra (grifos meus):

A) sujeito indeterminado por verbo na terceira pessoa do plural: “Talvez por apressar a natureza, *obrigavam-me* cedo a agarrar às cadeiras, *pegavam-me* da fralda, *davam-me* carrinhos de pau”;

B) sujeito indeterminado pelo infinitivo impessoal “Digo essas coisas por alto, segundo as ouvi *narrar*”;

C) sujeito indeterminado por pronome indefinido: “*Ninguém* nos vê”;

D) sujeito indeterminado / voz passiva sintética: “*Lavaram-se, arearam-se, poliram-se* as salas, escadas, castiçais”;

E) sujeito indeterminado por nomes ou pronomes em referência genérica: “E o homem, nu e desarmado (...) criava a ciência”.

Estilisticamente, podemos dizer que o fato de o narrador se valer de muitos pronomes indefinidos ao indeterminar o sujeito se deve ao fato de ele narrar uma “memória póstuma”; os fatos já se sucederam e ele já está “morto”. Logo, o uso dos infinitivos impessoais, realçando “o processo verbal em si” (CÂMARA JR., 1986). Outra consequência de ser um defunto-autor se mostra estilisticamente no fato de não haver nenhuma ocorrência de indeterminação do sujeito através de gerúndios.

Quanto ao uso dos pronomes indefinidos, podemos dizer que indeterminam apenas o agente, não o sujeito. Não há um desfocamento do agente [DA], como há nos casos de sujeito indeterminado pela partícula “se”, onde o agente, além de indeterminado, não é sequer mencionado [+DA]. Em outras palavras, o grau de indeterminação (cf. SANTOS JUNIOR, 2010, p. 42-44) é maior com ‘indeterminação por SE’ do que em ‘indeterminação por pronome indefinido’. Uma possível razão de estilo é que o narrador-defunto não se preocupa mais com os convencionalismos sociais; ao contrário, ridiculariza-os; não tem, pois, motivo, para ocultar por completo.

4. Conclusão

Após as análises do sujeito indeterminado, sob diversas perspectivas, conforme diversos autores, tendo por corpus obra literária de grande vultos de nossa literatura brasileira, pudemos verificar que uma ótica sintático-semântica-estilística é importante para estabelecer a indeterminação, ressaltando-se que o sujeito é categoria sintática. Outra importante ferramenta para analisá-lo é o estudo da estilística e da análise do discurso

Através do levantamento dos traços semânticos característicos do sujeito indeterminado e dos recursos estilísticos e discursivos que possam advir de seu uso, estamos mais aptos a compreender e classificar o sujeito na língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008a.

_____. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2008b.

_____. *Iniciação à sintaxe do português*. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

_____. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

HAWAD, Helena Feres. Tema, *Sujeito e agente: A voz passiva portuguesa em perspectiva sistêmico-funcional*. 2002, 152 f. Tese de doutorado em letras. Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

IKEDA, Sumiko Nishitani. O pronome se. *Cadernos Puc*, São Paulo, n. 5, p. 111-147, mar. 1980.

MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

SANTOS JUNIOR, Antonio José dos. *A indeterminação do sujeito em português: do verbo ao discurso*. Dissertação de mestrado. Uerj: 2010, 250 f.